

## CARTAS DO CAMPO

III

JOSÉ MARIANNO DE OLIVEIRA

Penalisou-me extraordinariamente a noticia que me trouxe o *Vassourense*, o excellente periodico de Lucindo Filho, da morte do respeitavel ancão José Marianno de Oliveira, progenitor da athletica e notavel familia de que faz parte Alberto de Oliveira, o poeta dos *Sanctuarios*.

Morreu aos 73 annos de idade, tendo tido uma vida laboriosa e honesta e a suprema ventura de ver crescer sob o seu tecto e com os mesmos principios uma prole de 17 filhas que o orgulhavam e que lhe encheram de gloria os ultimos annos da fecunda existencia.

A familia do Sr. José Marianno é uma familia antiga, educada nos moldes da familia grega.

Dos seus filhos cada qual é mais forte e de aspecto mais sympathico,

muito ao contrario da generalidade dos moços brasileiros de hoje, que, indolentes e fracos, fazem tristissima figura se confrontados com um moço estrangeiro.

De sua tempera de ferro teve agora mesmo Alberto de Oliveira uma prova em crudelissima enfermidade que o prostrou seis mezes no leito que todos julgaram fosse seu leito de morte.

Bem faz elle de alongar os olhos pelo passado e de fazer a Musa respirar este ambiente das remotas grandezas que transporta heroicamente para os nossos dias.

Vive sua alma na mythologia e nos tempos heroicos da Grecia, porque lá é que ella se sente bem, ao lado dos monumentos gloriosos que vêm attestar presentemente a grandeza do genio humano d'aquellas edades.

Tambem o divino Leonte de Lisle tem o porte de uma estatua antiga e o busto de um antigo camphieu...

\*\*\*

O Sr. José Marianno de Oliveira era ainda mais alto que todos os filhos, que só chegaram á sua altura quando o peso das n-vezes que lhe enraavam a fronte começaram a curvar-lhe a espinha.

Não foram os filhos que cresceram até elle, foi elle que generosamente desceu até os filhos...

De um natural muito affavel, era o velho cercado de todo o respeito e de todo o carinho da familia e de quantos o conheciam.

Morava na Engenhoeta, bairro affastado da cidade de Netheroy, e vinha para a cidade e voltava para casa todos os dias, a pé!

Nunca deixou de fazer alguma coisa. A velhice não o impediu de trabalhar. Era um homem privilegiado.

\*\*\*

A primeira vez que eu fui á Engenhoeta, á casa do meu querido mestre Alberto de Oliveira, ia commigo o Olavo Bilae, outro mestre meu não menos querido e por todo o longo trajecto na barca Ferry, no bond e a pé, foi-me elle fallando da boa gente que iamos visitar.

A familia em cujo seio se cria um poeta foi sempre para mim uma coisa sagrada, e confesso que entrei a casa do Alberto preso de grande curiosidade inzenua.

Era noite. Chovia torrencialmente e nós tinhamos palmilhado um bom kilometro antes de lá chegar.

O Olavo, muitissimo myope e não usando ainda nesse tempo o *pince nez*, ia mettendo os pés na lama e exclamando resignado:

— Seja tudo por amor de Apollo!

Finalmente chegamos a um portão guardado por dois pés de arvores floridas que aromatizam a entrada como a prevenir a quem entra que lá dentro mora a Poesia...

Entrámos esse portão. Chegavamos d'ahi a pouco á porta da casa.

Passados alguns minutos dizia-se versos e praticava-se animadamente.

Quando nos recolhemos veio conversar commosco, no quarto de Alberto, onde avulta um grande retrato de um principe russo, o velho José Marianno e eu pude então contemplar-o a gosto.

A estrada que fizemos esta primeira vez debaixo de chuva tornou-se por diante a minha romaria de todos os domingos e sempre a meu lado seguia o grande Olavo, que ia pelo caminho, a instancias minhas, dizendo a *Delenda Carthago*, ou alguns numeros da *1<sup>a</sup> Lactea* ou a *Tentação de Xenocrates* ou qualquer outra das suas impecaveis produções.

Com as frequentes visitas á Engenhoeta tornei-me um grande admirador do velho José Marianno, cujo olhar se accendia de estranha scintillação se se recitava alguns versos dos seus queridos filhos...

\*\*\*

D'esta familia tem-se distinguido a Exma. Sra. D. Amelia de Oliveira, a poetisa que com mais sentimento e mais arte tem cultivado o verso portuguez.

Ha sonetos de sua penna realmente admiraveis e que, com poucas excepções, qualquer dos nossos poetas assignaria sem fazer favor algum á autora: até pelo contrario.

E a Sra. D. Amelia não deu ainda quanto pôde dar.

Tambem muito se distingue o Sr. José Marianno Filho, que com grande fer-

vor cultivou antigamente o verso, publicando um bom livro em 1875, creio eu, com o pseudonymo de Mano.

Ha produções d'esse poeta illustre, posteriores ao livro, verdadeiramente notaveis como o *Monologo de um filo* e muitas outras.

Hoje o Sr. José Marianno Filho, completamente entregue ao ideal philosophico do positivismo, renegou da litteratura todas as glorias e vaidades e é um dos poucos brasileiros que encaram seriamente a humana theoria de Augusto Comte.

Comtudo, não abandonou o cultivo das letras. Nunca as abandona um verdadeiro poeta. Faz os seus poemas em harmonia com o seu credo philosophico.

D'esse periodo conheço um canto em oitavas camoneanas de um poema contra a immigração, denominado *Curigiba*, notabilissimo.

Outro filho do Sr. J. Mariano distincto é o Bernardo de Oliveira, que tem publicado grande numero de bellissimos sonetos na *Semana* e em outros jornaes da corte e de provincias.

O Alberto de Oliveira é dos mais notaveis poetas brasileiros e justamente considerado com Raymundo Corrêa e Theophilo Dias os mestres da actual geração de poetas.

Tem elle publicado as *Cantigas Remanescidas*, as *Meridianeas*, os *Sonetos e Poemas*, um incanto um preciosissimo poema em mais de cem sonetos: *A poeira morta* e em laboração *O sabio*

*inglez*, não fallando em grande cópia de produções não compendiadas.

Alberto é bastante conhecido e estimado para que eu esteja aqui a me occupar com elle.

Além de todos estes poetas, tem ainda o Sr. José Marianno entre os filhos, o Luiz, o Marianno, o Alfredo, o Saturnino—de quem conheço versos e versos muito bons...

Já vê o leitor que foi um benemerito este homem que legou á nossa patria toda uma litteratura.

\*\*\*

A orgulhosa e esteril *Madame de Sevigné*, desejando ouvir seu elogio dos labios do proprio Napoleão, o Grande, em um baile em que dansava com o imperador, perguntou-lhe:

— Sire, em sua opinião qual é a mulher mais notavel da França?

— Aquella, respondeu Napoleão ironicamente, que tiver dado á França maior numero de filhos...

Ora, o Sr. José Mariano de Oliveira não foi dos que deu ao Brazil menor numero de filhos, mas foi o que offereceu maior numero de poetas.

Por isso, ao ter conhecimento de sua morte, escrevi estas linhas, que não são um necrologio: seriam uma apothese se não fossem tão toscas e humilides...

Romão Otavio.

Santa Barbara, 22 de Dezembro de 1887.